

PROJETO PROFISSIONAL: ARTICULAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, TRABALHO E FUTURO NA CONTEMPORANEIDADE

Marina Gomes Coelho de Souza/NIPIAC/UFRJ

Lucia Rabello de Castro/NIPIAC/UFRJ

Esta pesquisa surge no horizonte de um percurso acadêmico no qual se verificou aparente dissonância entre as teorias que versam sobre as transformações contemporâneas no mundo do trabalho e as constatações empíricas provenientes da atuação como orientadora profissional durante a graduação. A questão aqui se refere à percepção de que, embora autores como Bauman (2001), Sennet (1999), Antunes (1995) tenham, nas últimas décadas, acentuado uma importante mudança do referencial do trabalho como central na vida dos sujeitos na modernidade tardia, a atuação com jovens em fase de inserção profissional parece apontar o contrário.

A atuação com vestibulandos possibilitou o contato próximo com jovens vivenciando o momento da escolha profissional, o que significou testemunhar a forma como esses sujeitos se posicionam e planejam, em termos profissionais, o futuro. Foi possível constatar a maneira como os jovens vivenciam as problemáticas referentes aos primeiros contatos com o mundo do trabalho. Ficaram evidentes preocupações com temas como o desemprego, a busca pela estabilidade financeira e qualidade de vida. Foi possível perceber que, de alguma forma, ao pensarem seu futuro, os jovens dão lugar de centralidade ao trabalho. Este fato se torna claro na medida em que os demais perfis, como o conjugal, a saída da casa e a parentalidade, eram trazidos como referências coadjuvantes no processo de construção de um projeto de vida.

Tendo em vista as principais transformações do período atual descritas por Bauman (2001) como a flexibilização, a fluidez, a integração, a globalização, a relativização, o imediatismo, a agilidade, a derrubada de fronteiras e a extraterritorialidade, configurando a chamada 'pós-modernidade' ou 'modernidade tardia', é válido avaliar como os jovens se apropriam de tais mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas na construção de um projeto profissional. Ou seja, de que forma o cenário macro social incide sobre os jovens, moldando lógicas de ação e estratégias de inserção profissional.

Como nos aponta Sennet (1999), há um esvaziamento das ações pensadas a longo prazo, que possibilitavam a orientação de narrativas lineares e cumulativas características da modernidade. No que se refere especificamente ao trabalho, a rotina, a segurança do emprego e o compromisso com as instituições ofereciam referenciais estáveis e mantinham as pessoas em

lugares relativamente duradouros. Segundo o autor, as mudanças geradas pelo capitalismo flexível incidem sobre as relações, sejam elas materiais ou afetivas. Nessa nova lógica, cabe perguntar se há espaço para compromisso, lealdade ou sacrifício, seja nas instituições ou mesmo nas relações familiares, uma vez que exigem tempo para surgir e se consolidarem. O autor coloca em cheque a validade de se pensar narrativas a longo prazo. Na estrutura socioeconômica contemporânea, prevalece a individualização, a culpabilização, e a solidão¹.

Para o economista Dowbor (2001), o debate tem se centrado nos aspectos matérias relativos às mudanças no mundo do trabalho, no entanto, aspectos psicológicos e seus impactos devem ser trazidos à discussão, uma vez se tratando de um contexto gerador de insegurança e fragilidade social².

O trabalho tem ocupado historicamente lugar de centralidade na vida dos indivíduos, constituindo-se como importante fonte de interação coletiva, renda e proteção social. Entretanto, vem sendo modificado pelas transformações próprias da modernidade tardia, contexto no qual há um declínio da forma salarial institucionalizada, concentrada nas grandes empresas, e ascensão de formas independentes de atuação trabalhista. Neste sentido, o trabalho entendido como organizador da vida em sociedade passa por um processo de reconfiguração (MONTEIRO, 2011).

Neste cenário, os jovens são especialmente atingidos. Uma vez que o trabalho se configura como importante valor social, a insegurança resultante das novas configurações econômicas excludentes incide de maneira importante sobre a subjetividade dos jovens. A juventude, entendida como uma fase de transição entre a adolescência e a fase adulta, se caracteriza como um período de constituição da identidade e reconhecimento social, a medida que o jovem ocupa e se legitima em espaços historicamente ocupados por adultos.

¹ Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego (SENNET, 1999, p.27).

² Na realidade, o imenso fato real no processo, é que centenas de milhões de pessoas no mundo, e dezenas de milhões de pessoas no Brasil não estão encontrando formas adequadas de inserção no processo produtivo, e isso se torna um dos principais desafios do planeta hoje, sendo inclusive determinante para o principal problema brasileiro, que é o da desigualdade. E não se trata de pessoas que gostam de ilegalidade, são geralmente pessoas teimosas, insistem em sobreviver (DOWBOR, 2001, p.22).

A ação de planejar, programar ou projetar ocupou lugar de centralidade na modernidade, como forma de organizar o passado em direção ao devir. Contudo, a partir das mudanças macro-sociais que envolvem aspectos econômicos, políticos e tecnológicos, o modelo temporal linear e previsível vem desestabilizando a organização do tempo como compreendido na modernidade. Sendo assim, o futuro passa a se apresentar como inesperado e indeterminado. As transformações na temporalidade social acabam por flexibilizar as relações, tornando as experiências episódicas e fragmentárias. Sendo assim, criar uma narrativa de vida a longo prazo perde sentido, o que pode inviabilizar ou inibir a construção de um projeto.

O sentimento de impotência decorrente da impossibilidade de visualização de uma saída possível para a inserção profissional faz com que os jovens vivenciem suas trajetórias como dominada por forças que lhes são estranhas. Neste sentido, a impotência pode levar à paralisia, resultando em fenômenos como a extensão da qualificação, a mudança ou abandono dos cursos universitários, entre outros. Todos estes fenômenos passam a ser analisados e compreendidos como individuais, sem que sejam considerados os aspectos socioeconômicos que se refletem em tais escolhas singulares.

Sendo assim, uma vez sendo, historicamente, a juventude uma fase na qual as ações estão voltadas para a formação e preparação de um futuro e, colocada em cheque a validade de tais estratégias, resta-nos investigar quais novas táticas vem sendo produzidas. Não há dúvidas de que nos encontramos em um momento de transição, no sentido de que antigos referenciais já não fundamentam o agir dos jovens, por outro lado, novos modelos ainda se encontram por construir, o que pode gerar incerteza e insegurança. Segundo Castro (2005), “se o “emprego acabou”, se a certeza de uma trajetória de escola e trabalho não está mais assegurada, se o futuro não nos pertence, importa, então, dar-se conta do que o presente contém e oferece” (p.19).

Entendemos que não é possível realizar uma compreensão das estratégias utilizadas pelos jovens para a inserção profissional sem que haja uma análise cuidadosa do contexto do trabalho no qual o jovem está imerso. cremos que por meio da pesquisa das estratégias de inserção profissional adotadas, ou seja, as ações realizadas visando a própria inclusão no mundo do trabalho, torna-se possível tangenciar também os valores e significados do trabalho para os jovens.

Partimos do entendimento de que ao agir o indivíduo coloca em ação aquilo que, de alguma forma, vinha sendo gestado, em forma de planejamento ou projeto de futuro profissional. Embora seja importante frisar que consideremos o projeto como modificado e constituído na e

pela ação, não se tratando o agir e o planejamento de instâncias separadas. Ao eleger tal projeto, diversas forças estão envolvidas que abarcam referências familiares, de gênero, classe e faixa etária que localizam o sujeito em determinado lugar social. Para que se evite um entendimento fragmentado do projeto profissional e das estratégias de ação para a inserção profissional, consideramos pertinente a elaboração de uma análise que abarque estas diferentes dimensões.

A partir de meados dos anos 90 a preocupação com problemas vivenciados por jovens, sobretudo relacionados à crise do trabalho, violência e saúde pública tem trazido o conceito de juventude de volta ao escopo das pesquisas sociais. Para além do entendimento da juventude enquanto faixa etária, trata-se de um processo, em geral percebido como etapa provisória de preparação para a vida adulta. Os parâmetros para a definição da juventude não são homogêneos, variando de acordo com o contexto socioeconômico, bem como as relações de poder que estabelecem o que é ser jovem ou adulto em determinada sociedade. Vale ressaltar que estudos atuais sobre juventude têm utilizado o conceito de *juventudes*, uma vez que diferentes condições geram diversas formas de ser jovem, relacionadas à idade, geração, classe social e gênero (CASTRO, 2005; SPOSITO, 2009).

Concordamos com Pais et al (2005), ao afirmar que entrar em contato com a questão da transição de jovens da escola para o mercado de trabalho é se confrontar com a multiplicidade de circunstâncias que envolvem esse processo. Embora os cenários sejam diversos, a flexibilização e precarização do trabalho atinge os jovens de maneira extensa. Vale ressaltar que tal fenômeno afeta além do mercado de trabalho, o sistema de ensino e a dinâmica familiar. Ao falarmos em projeto profissional, tema aqui proposto, não podemos encarar a questão como homogênea e ingenuamente considerar que se apresenta da mesma maneira para todos os jovens brasileiros. Fato é que o contexto social, econômico e cultural nos apresenta diversas juventudes com especificidades próprias da conjuntura na qual o jovem está inserido. Processos históricos e sociais incidem sobre formas singulares de experimentação de ‘ser jovem’. Neste sentido, a posição econômica deve ser considerada ao se problematizar o planejamento de um futuro, para que se compreenda a maneira pela qual se estrutura um projeto profissional, com determinados valores e significações individuais (KORMAN DIB, 2007).

Thome *et al* (2010) ressaltam as implicações das transformações da categoria social do trabalho para os jovens. Segundo os autores, as ideias do empresariado como a cultura do desempenho, da excelência e da competição, alcançam sobretudo esta população. A inserção no mercado de trabalho é atravessada pela valorização da qualidade, produtividade, criatividade,

polivalência e versatilidade, e aos jovens cabe corresponder a tais ideais, o que cria, muitas vezes, um processo gerador de tensão.

Levando em consideração que “os modos de subjetivação na lógica cultural do capitalismo tardio, convocam ao prazer ilimitado, à dispersão e ao engolfamento subjetivo na intensidade do presente” (CASTRO, 2011, p.8), cabe perguntar em que moldes a ação dos jovens tem se pautado. Em um contexto no qual a imprevisibilidade parece derrubar a ideia de preparação para o futuro, vale questionar quais vetores têm determinado as lógicas de ação de ação dos jovens no contemporâneo.

É importante ressaltar que neste novo panorama, a ação individual é considerada primordial para a inserção profissional, uma vez que o reconhecimento advém da capacidade pessoal de adaptação rápida e flexível às mudanças no mundo do trabalho. Como nos aponta Giroto Guedes (2007), os efeitos desta configuração do trabalho são vivenciados pelos sujeitos de forma solitária, resultando em sentimentos de não pertencimento e insegurança.

Para Castro (2011) a formação dos jovens se dá em uma perspectiva individualizada, na qual cada um é responsável por si, na medida em que desenvolve seu potencial. A privatização do lugar social do jovem como local de aperfeiçoamento de capacidades individuais se deu por meio de regimes de institucionalização, centrado na capacitação para o trabalho, processo que atinge sobretudo os jovens. Segundo a autora, o modo de subjetivação calcado no individualismo resulta na disjunção entre o singular e o coletivo. Há uma dissociação entre conhecimento e luta, teoria e práxis, self e alteridade, uma vez que a formação dos jovens visa essencialmente à obtenção de competências individuais.

Sendo assim, o que buscamos sublinhar é a maneira como tem se evidenciado a individualização das trajetórias biográficas bem como das formas de ação. Os jovens se vêem imersos em num contexto no qual se sentem imobilizados e impotentes para modificar, restando-lhes apenas saídas individuais que garantiriam o sucesso pessoal. Daí a ausência de alternativas coletivas de mobilização e o surgimento de estratégias singulares como o aumento dos anos de escolarização e a ideia de que a alta qualificação garantiria a inserção profissional desejada.

Estas novas exigências demandam profissionais cada vez mais flexíveis, disponíveis aos interesses corporativos e hiper-qualificados. A extensão do período de qualificação tem gerado, sobretudo na classe média e alta, um aumento do tempo de escolarização com efeitos sobre a subjetividade dos jovens em fase de inserção profissional. Como já assinalamos, a qualificação se apresenta como forma de o jovem estar em ‘vantagem’ em relação aos demais. A lógica da

competição das empresas é transferida e assimilada como um valor individual. No entanto, em uma cultura na qual a mudança adquire um valor extremamente positivo, a aceleração das tecnologias e atualizações profissionais parece reduzir a validade das capacitações, ou diminuir sua importância (KORMAN DIB, 2007).

Frente à crise do modelo tradicional do sistema produtivo, também os sentidos atribuídos ao trabalho pelos jovens se modificam. Além disso, as estratégias de ação para inserção profissional, ou para concretização de um projeto devem ser ajustadas. Apesar desta nova configuração macroeconômica Bonsoit e Franssen (2007) afirmam que o modelo tradicional do ‘emprego’ ainda é bastante presente e desejado para muitos jovens, embora se torne cada vez mais difícil de praticar. Segundo os autores “o trabalho é, ao mesmo tempo, necessidade vital, obrigação social e dever moral, cuja contrapartida é o status social que confere e a satisfação pessoal que proporciona” (p. 98). Sendo assim, faz-se necessária uma diferenciação do projeto profissional enquanto projeto de vida, da função instrumental do trabalho ou função de subsistência.

A partir de estudos como o de Cristiana Carneiro (2002), Viviane Giroto (2007) e Sandra Korman Dib (2007), pesquisadoras do Nipiac, que constataram a dificuldade dos jovens em traduzir em ações os objetivos que dizem almejar, destaca-se a ausência de recursos simbólicos que orientem os jovens no percurso à realização de seus objetivos³.

Segundo Castro (2011), a subjetividade liberal enraizou a crença na autonomia individual e na liberdade pessoal. Tal processo, concretizado na privatização da experiência, abre uma fenda que distancia o ‘eu’ e o ‘nós’, solapando dos indivíduos a possibilidade de se ampararem em referências coletivas para a tessitura de suas trajetórias.

Outro fator preponderante se refere ao fato de que o jovem, até a chegada à universidade, percorre um caminho relativamente linear, com etapas da vida escolar bem definidas, nas quais o alunos podia reconhecer o passo seguinte. No entanto, ao final da graduação o jovem se depara com o imprevisível.

A proposta aqui assinalada parte do princípio de que, uma vez que a sociedade é constituída e modificada pela interação dos indivíduos, sua compreensão não pode prescindir da

³ (...) parece que muitas dificuldades cercam o agir dos jovens hoje. A construção de um plano de futuro, tanto na vida pessoal, como também na vida pública, esbarra na desconfiança e na dúvida dos sujeitos quanto a poder transformar o curso dos eventos (Castro, 2011, p.12).

perspectiva dos próprios sujeitos sobre suas ações. Uma vez que o planejamento da inserção profissional implica uma construção discursiva de si, que se constitui na interlocução com os outros, na experimentação e na vivência, consideramos que ao explorar a narrativa dos sujeitos sobre tal inserção seremos capazes de nos aproximar da significação de tal prática.

Visando tal objetivo, foram realizadas entrevistas individuais, mirando compreender de forma aprofundada o modo como os jovens constroem um projeto profissional, garantindo amplitude e consistência à pesquisa ao enfatizar aspectos relacionados à vida escolar e experiências profissionais. Tais entrevistas buscaram evidenciar análises e reflexões sobre as estratégias que os jovens têm colocado em ação para atingir o que planejaram para suas vidas profissionais.

Até o momento, foram realizadas nove entrevistas, com cinco mulheres e quatro homens, com idades entre 20 e 29 anos, todos universitários, buscando sua primeira experiência ou a efetivação profissional. As entrevistas ainda estão em período de análise inicial, no entanto, é possível salientar que tal instrumento evidenciou a grande diversidade de experiências relacionadas à vivência da inserção profissional, ainda que aproximações possam ser realizadas, não devemos incorrer no erro da generalização. Embora de maneira incipiente, alguns apontamentos podem ser destacados.

O trabalho pode ser vivenciado subjetivamente de diversas formas, ocupando dentro da dinâmica de cada personalidade, um lugar de maior ou menor importância na sua constituição. Sendo assim, os indivíduos se colocam ativamente no processo de trabalho, interpretando e reagindo conforme as situações que lhe são apresentadas e o contexto no qual estão inseridos.

As análises corroboram o destacado por Korman Dib e Dias (2004), que salientam como importante fator que dificulta a efetiva ação de jovens no que tange a inserção profissional a dissociação entre o que é aprendido no sistema de ensino e o que é experienciado em suas vivências pessoais. De acordo com as autoras, a fragmentação do conhecimento impede que os jovens possam relacionar e reconhecer que os conflitos e transformações do mundo contemporâneo têm influência sobre suas vidas.

Além disso, assim como na pesquisa realizada por Vultur (2005), para a maior parte dos jovens, “estar inserido” consiste em ter um emprego estável, que possa ser mantido por pelo menos dois anos. Não se limita a conseguir qualquer emprego, pois surge a necessidade de obter satisfação pessoal, algo que faça sentido para o jovem. Além disso, comporta a dimensão do

reconhecimento social. Nas palavras do autor “a inserção é, pois, percebida como um processo de socialização, de construção e afirmação de uma identidade social” (VULTUR, 2005, p.217).

Além dos impactos, já citados, consequência das transformações da modernidade tardia, para os padrões de trabalho e juventude, destacamos também as mudanças no modo de se conceber a relação com o tempo no contemporâneo. Entendemos que a forma como o tempo é experienciado pelos indivíduos tem implicações no planejamento de um futuro. É importante ressaltar que compreendemos a relação do homem com o futuro como um aspecto crucial da existência humana e não como simples meta ou objetivo a cumprir. Neste sentido, a noção de futuro ganha destaque ao se pensar as estratégias de inserção profissional.

Dentro deste cenário contemporâneo, destacamos a etapa de inserção profissional para a compreensão da relação do jovem com o futuro e estratégias de ação por eles adotadas. Compreendemos que a dimensão do futuro é essencial para que se apreenda o significado do trabalho para os indivíduos, bem como para a construção de um projeto profissional.

A ideia de acontecimentos encadeados que organizam a trajetória de vida de um indivíduo sustenta a noção de transição, na qual se passa de uma condição à outra. Da dependência infantil à independência adulta. No que se refere aos jovens aqui pesquisados, alguns marcos definem etapas, como a conclusão dos estudos, a saída de casa, o início de atividades de trabalho remuneradas e a constituição de uma nova família, características do mundo adulto (KORMAN DIB e CASTRO, 2010).

O que se pretende é deixar claro que o processo iniciado pela forte individualização das trajetórias vem modificando a forma como se planeja as trajetórias de vida. Não se pretende aqui ressaltar aspectos apenas relacionados às perdas decorrentes do declínio do modelo do tempo linear e previsível da modernidade, mas nos interessa conhecer as estratégias que vêm sendo colocadas em ação para lidar com o novo panorama.

Podemos destacar a dificuldade dos jovens em se posicionar quando questionados a respeito de seu futuro a longo e médio prazo. Entre projetos e idealizações, o que consideramos elementar é o fato de que os jovens já não podem ter certeza de qual será o ponto de chegada de suas trajetórias ao se inserirem no mundo do trabalho. Ainda assim, estratégias são construídas, colocadas em ação e reformuladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** (ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho). São Paulo: Cortez, 1995.

BAUMAN, Z. Ascensão e queda do trabalho. In: BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 27-43.

BAIJOT, G., & FRANSSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. In: O. Fávero, M. P. Spósito, P. Carrano, & R. R. Novaes. (Orgs.), **Juventude e contemporaneidade** (93- 123). Brasília: UNESCO, 2007.

CARNEIRO, C. (2002) **Tempo e destino no contemporâneo: uma leitura do sujeito através da adolescência**. Tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia, UFRJ.

CASTRO, L. R. de . Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. In: Maria Ignez C. Moreira; Juarez Dayrrell. (Org.). **Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Puc Minas, 2011, v. , p. 299-324.

CASTRO, L. e Correa, J. (Orgs). (2005). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ.

DOWBOR, Ladislau. **O que acontece com o trabalho?** São Paulo: Editora Senac, 2001.

GIROTO GUEDES, Viviane. **Trajetórias juvenis: o trabalho como valor, o valor do trabalho**. Rio de Janeiro 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Pós-Graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, 2007.

KORMAN DIB, Sandra; CASTRO, Lucia Rabello de. O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, 2010. v.3, n.1, p.1-15.

KORMAN DIB, S. **Juventude e projeto profissional: a construção subjetiva do trabalho**. 2007. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

KORMAN DIB, S; DIAS, C. G. S. **Inserção profissional dos jovens: o empreendedorismo e as formas de participação**. In: III Conferência Internacional de Pesquisa em Empreendedorismo na América Latina, 2004, Rio de Janeiro. Anais da III CIPEAL, 2004.

MONTEIRO, Renata Alves de Paula. **A transição para a vida adulta no contemporâneo: um estudo com jovens cariocas e quebequenses**. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PAIS et al. Jovens europeus: retrato da diversidade. **Tempo Social**, São Paulo, v.17, n.2, p.109 – 140, 2005.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SPOSITO, M. P. (coord.) **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. v. 1. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. 276 p.

THOME, Luciana Dutra; TELMO, Alice Queiroz and KOLLER, Silvia Helena. Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 2010, vol.20, n.46, pp. 175-185. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200005>.

VULTUR, Mircea. (2005) Os jovens e os programas de inserção profissinal no Québec. In: CASTRO, L. e Correa, J. (Orgs). (2005). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ.